

As memórias das brincadeiras sonoras da infância na formação de professores de música

JANAINA DE MORAIS PEREIRA

Professora de Arte da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT). Mestre em Educação e Licenciada em Música pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atualmente, pesquisa a formação de professores de arte/música e a ludicidade em contexto escolar, com ênfase em pesquisas (auto)biográficas. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical (GEPaEM).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4665058356212959>

Orcid ID - <https://orcid.org/0000-0001-5767-4610>

RESUMO

O artigo discute os resultados de uma pesquisa de mestrado concluída e esteve amparado em uma abordagem (auto)biográfica, a partir da análise de entrevistas narrativas on-line. Na produção destas, nove professores de música da educação infantil e/ou anos iniciais do ensino fundamental compartilharam suas memórias das brincadeiras sonoras da infância e sua respectiva influência na sua formação como professores. Os resultados apontam que as memórias das brincadeiras sonoras da infância tornam-se referenciais para a formação do professor de música. Assim, entende-se que o contato com sua criança interior promove no professor a retomada do encanto da brincadeira, de modo a inseri-la de forma mais prazerosa no ambiente educacional, construindo um espaço lúdico de confiança e aprendizagem. Ao refletir sobre questões pertinentes a educação musical, o artigo pretende ampliar as discussões sobre a formação do professor de música e os estudos de histórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores, brincadeiras sonoras, história de vida, memória, educação musical.

ABSTRACT

The article discusses the results of a completed master's research and was based on a (auto)biographical approach, from the analysis of online narrative interviews. In the production of these, nine music teachers from early childhood education and/or early years of elementary school shared their memories of childhood sound games and their respective influence on their training as teachers. The results indicate that the memories of childhood sound games become references for the formation of the music teacher. Thus, it is understood that the contact with their inner child promotes in the teacher the resumption of the charm of play, in order to insert it in a more pleasant way in the educational environment, building a playful space of trust and learning. Reflecting pertinent issues to music education, the article intends to broaden the discussions on music teacher training and the studies of life stories.

57

KEYWORDS

Teacher education, sound play, history of life, memory, music education.

1. Introdução

Ao analisar a minha história de vida, percebo que as trilhas percorridas para formar a profissional que sou hoje não começaram quando ingressei na graduação de Licenciatura em Música. Reviver minhas memórias trouxe a luz características que foram construídas desde a minha infância, proporcionando a compreensão que atuar com crianças exige do professor competências e habilidades que não são ensinadas apenas em uma universidade, mas aprendidas ao longo da vida.

Essa reflexão me levou ao problema de pesquisa que fundamentou este artigo: *Como as brincadeiras sonoras realizadas na infância podem influenciar na formação dos professores de música da Educação Infantil e/ou anos iniciais do Ensino Fundamental?* Para responder esse questionamento desenvolvi minha pesquisa de mestrado que teve como objetivo compreender a relação das brincadeiras sonoras realizadas na infância e sua influência na formação do professor de música.

Mediante o exposto, discuto neste artigo os resultados dessa pesquisa de mestrado concluída. Diante disso, para a compreensão dos conceitos apresentados ao longo do texto, destaco que a brincadeira sonora é um termo descrito pela musicóloga Lydia Hortélio para categorizar as brincadeiras com música, as quais subdividem-se em: brincadeiras cantadas, ritmadas, rítmico-melódicas e melódico-ritmadas (HORTÉLIO, 2012, p. 3 apud SILVA, 2016, p. 31). São gêneros de brincadeiras sonoras: “acalantos, brincos, rodas, histórias, adivinhas, parlendas, trava-línguas, fórmulas de escolha, brincadeiras de corda, mão e brincadeiras de movimentações específicas” (SILVA, 2016, p. 29).

Esse repertório da infância tornou-se a base para o estudo das memórias lúdicas dos participantes da pesquisa, pois de acordo com Silva et al. (1989), essa memória pode ser identificada em “dois momentos: primeiro, nas brincadeiras tradicionais, momento em que a criança se insere na memória coletiva; segundo, na história de vida da própria criança, que recorre às suas experiências no momento de brincar” (SILVA et al., 1989, p. 14). Ou seja, a memória lúdica compreende as memórias da brincadeira como um elemento cultural, passado de geração em geração, como também um objeto vivo que promove experiências únicas, de acordo com cada história de vida.

Portanto, o ato de ouvir os professores(as) narrarem as marcas que a infância influencia nas suas relações com o aluno sustentou-se nos argumentos

de Moita (1995, p. 138 apud MARTINS, 2009, p. 40) ao “notar a influência muito forte de um tempo ‘passado’ na vida profissional — o tempo de infância. As experiências feitas durante a infância projetam-se na relação com as crianças”, sendo assim consideravelmente difícil separar a pessoa de sua profissão, pois são diversos os “eu” que fazem parte de quem somos.

Assim sendo, este artigo pretende gerar reflexões nos professores(as) de música sobre suas memórias das brincadeiras sonoras da infância e as formas como as inserem em sua prática pedagógica, buscando de forma significativa tornar o brincar um elemento presente no ensino de música, não apenas como um meio de aprendizagem, mas de formação humana.

2. Caminhos metodológicos

Na jornada para dentro de si participaram da pesquisa nove professores(as) de música egressos do curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal de Mato Grosso: *Menino Soldado*, *Menino Tumbalacatumba*, *Menina Borboletinha*, *Menina Serrador*, *Menino Foguinho*, *Menina Janelinha*, *Menino Ciranda*, *Menina de Jesus*, *Menino de Jó*¹. Todos lecionam em escolas regulares públicas e/ou privadas com Educação Infantil e/ou anos iniciais do Ensino Fundamental e residem em Cuiabá (Mato Grosso).

59

• Para a produção de narrativas em uma abordagem (auto)biográfica foram realizadas entrevistas narrativas on-line, por videoconferência, nas plataformas de comunicação gratuita. Divididas em duas fases de encontros, os participantes foram convidados a reviverem suas memórias e contarem suas histórias das brincadeiras sonoras realizadas durante suas respectivas infâncias e a repercussão dessas memórias na sua formação como professor de música.

Tendo como alicerce a estrutura da entrevista narrativa de Fritz Schutze (2010), os encontros com os participantes foram divididos em três partes centrais. A primeira parte compreendeu a narrativa autobiográfica inicial, na segunda parte explorei os eixos temáticos que foram expostos resumidamente na narrativa inicial, sempre partindo de perguntas narrativas. E na terceira parte, incentivei a descrição de experiências que se repetiram e realizei

¹ Com o intuito de preservar suas identidades, cada participante torna-se *Menino* e *Menina*, e seu nome foi substituído por um pseudônimo inspirado em sua brincadeira sonora favorita.

questionamentos por perguntas de “por que?”, desenvolvendo no participante a capacidade de explicar sobre o seu “eu”.

Para analisar as histórias transcritas, ancorei-me no método de análise estruturado por Schutze (2010), com o objetivo de romper com a rigidez das entrevistas estruturadas e construir textos narrativos. Nesse processo de construção, as categorias foram identificadas e organizadas nas seguintes temáticas: (1) brincadeiras sonoras da infância; (2) o brincar na aula de música; (3) o brincar na construção do eu professor. Diante disso, para este artigo, os dados das categorias foram condensados nas discussões apresentadas a seguir.

3. Brincadeiras sonoras da infância

O brincar é como um elemento mágico presente em cada história de vida. No processo de análise das brincadeiras sonoras da infância narradas pelos *Meninos* e *Meninas* verificou-se o predomínio de brincadeiras rítmico-melódicas², como brincadeiras de corda, mão e movimentação específica, em comparação as brincadeiras cantadas.

Uma canção de brincadeira de corda que se destacou nas memórias foi o famoso “Fogo, foguinho”. Para os *Meninos* e *Meninas* a grande alegria era o momento que a corda começava a acelerar e havia o desafio de continuar pulando. E de repente já começo a ouvir as *Meninas* cantando: *Babalu, babalu é Califórnia...*, essa brincadeira de mão fez muitos sorrisos surgirem no visor do computador. A *Menina Janelinha* narra que “aprontava os sete” nos corredores da igreja.

A gente brincava muito, eu lembro que era muita brincadeira de roda, brincadeira de jogos de mão, tudo que a questão de função motora, a gente brincava, então aquela questão de pular corda, a gente levava corda, brincava de rouba-bandeira, então todas as brincadeiras que hoje a gente tenta resgatar para trazer para a escola e atuar com as crianças, claro, com

² Brincadeiras sonoras que combinam os dois elementos musicais (ritmo e melodia), predominando o ritmo na ação do brincar, seja através da fala ou no gesto corporal (SILVA, 2016).

novos arranjos, porque tem tanta coisa bonita hoje que dá pra fazer com as crianças, nós já fazíamos (Menina Janelinha).

Esses dados concordam com a dissertação de Lucilene Silva (2016) que apontou a diminuição das brincadeiras cantadas nas infâncias a partir da década de 1970, havendo assim um predomínio de brincadeiras ritmadas. Essas modificações nas brincadeiras sonoras geram reflexões sobre as brincadeiras que estão sendo “esquecidas” e as modificações ocorridas nas gerações atuais. Entretanto, Martins (2009) acredita que as brincadeiras

[...] não se perderam, mas se modificaram em decorrência das mudanças de nossas práticas sociais. As crianças não deixaram de brincar, elas brincam de maneiras diferentes em relação ao que brincávamos e, os seus modos de brincar é que, a nosso ver, precisam ser considerados por nós. (MARTINS, 2009, p. 129).

Dessa forma, percebe-se a necessidade de o professor conectar-se ao universo do brincar das crianças, compreender seus modos de expressão e tornar essa experiência lúdica um processo de formação contínuo.

- 61 • Cada *Menino* e *Menina* destacou brincadeiras sonoras distintas em suas narrativas, de modo que ao serem reinterpretadas ganharam sentido em suas respectivas histórias de vida. Assim sendo, os dados apontam que as brincadeiras sonoras da infância estão relacionadas à personalidade da criança, às formas de criação e à geração que nasceram. Esses fatores refletem na diversidade de brincadeiras que constituem as crianças de uma mesma localidade, pois apesar de serem de uma mesma época, apresentam histórias de vida distintas e conseqüentemente, diferentes memórias lúdicas.

Dentre os espaços do brincar apresentados nas histórias narradas destacam-se as ruas, a igreja, a casa que residiam e em especial, a escola. Este último local é onde os *Meninos* e *Meninas* apresentaram suas mais belas memórias ao narrarem os momentos no pátio, na quadra de esportes, na sala de aula. Acerca disso, Arroyo (2004, p. 84 apud MARTINS, 2009, p. 41) afirma que a escola se apresenta como uma das lembranças mais fortes da infância, de modo a ser “difícil separar de nossas ações atuais, enquanto professores, das nossas lembranças dos tempos de alunos”, pois são “tempos e vivências

que se entrelaçam”. Nesse sentido, as narrativas demonstraram que as memórias da infância do brincar na escola influenciam na forma como o professor atua com seus alunos, pois podem repetir suas experiências ou proporcionar vivências que sentiram falta de terem vivenciado no período da escola.

No espaço do brincar diversos são os companheiros da brincadeira: pais, familiares, vizinhos de rua, amigos da igreja, amigos da escola, professores. O *Menino Ciranda* e a *Menina Borboletinha* foram aqueles que deixaram perceptível em suas narrativas a repercussão positiva na vida da criança ao ter contato com um professor brincante. Eles relembram de momentos com esses professores(as), o sentimento ao brincar, e principalmente, a vontade de gerar experiências similares com seus alunos.

Nesse cruzamento de histórias, o professor brincante da infância se torna um modelo para o professor brincante do futuro. Assim, relembro das palavras de Fernandes (2002 apud MARTINS, 2009) ao afirmar que os adultos que tiveram uma infância qualificada como positiva tendem a reproduzir no presente aquilo que consideram mais importante para as novas gerações. Portanto, concordo com Martins (2009) sobre a necessidade do professor refletir “sobre as diferentes concepções relativas à infância e ao próprio brincar. Considerar que a ‘nossa’ infância, não necessariamente, foi melhor que a atual, mas sim diferente, pois acontece em tempos e espaços diversificados, inserido em determinado contexto histórico-cultural” (MARTINS, 2009, p. 155).

Para o *Menino Soldado*, lembrar dessas brincadeiras gera uma “nostalgia”. Esse sentimento de saudade com relação as lembranças da infância e as tentativas de desenvolvê-las com às crianças contemporâneas “não se trata de saudosismo, mas sim de proporcionar às nossas crianças a possibilidade de viver sua própria cultura e modo de ser!” (BRITO, 2003, p. 111). Entretanto, o *Menino Tumbalacatumba* narra que não tem saudade da infância, devido à falta de liberdade imposta pelos pais que consideravam a brincadeira como uma ação pecaminosa. Para ele, suas memórias são meios para mostrar o que ele deve fazer diferente no seu presente. Esse pensamento de “fazer diferente” abre as asas do *Menino* para descobrir-se através das brincadeiras e construir o seu eu professor.

Portanto, cabe destacar que devido às modificações sociais e culturais de cada época é preciso que o professor extraia o melhor daquilo que experienciou na sua infância e reviva essas brincadeiras sonoras em sala de

aula, buscando contextualizar suas experiências para a criança do século XXI, de modo a proporcionar positivas memórias lúdicas para si mesmo e seus alunos.

4. O brincar na aula de música

A roda gira, as gerações se modificam, e a brincadeira sonora tradicional se une a contemporânea. Assim, os *Meninos e Meninas* desta pesquisa narram que devido à necessidade de desenvolver diferentes habilidades musicais e ampliar o repertório sonoro da infância, adaptam as brincadeiras tradicionais à geração atual através de novas poesias, melodias, ritmos e harmonias.

Apesar dessas modificações é possível verificar a valorização da reprodução de brincadeiras sonoras da infância dos respectivos professores(as) em sala de aula, demonstrando a força das memórias lúdicas como base para sua construção como professores. Tais brincadeiras, já experienciadas em sua própria infância, fazem com que tenham maior facilidade de conectar-se ao universo infantil e despertarem sua criança interior.

- 63 • Cantigas como “Ciranda, cirandinha”, “Adoleta”, “Corre Cutia”, “Barra Manteiga”, “Abre a roda tindolelê”, “Atirei o pau no gato”, “Peixinhos do mar”, “Escravos de Jó” e tantas outras brincadeiras citadas fazem as crianças girarem nas rodas das aulas de música, seja segurando na mão de cada colega de sala ou utilizando novos recursos, como o parachute, bola, bambolê ou instrumentos musicais.

Esses recursos diferenciam-se das formas tradicionais das brincadeiras da infância dos professores, mas tornam-se um meio de cativar a criança contemporânea para integrar a roda. E assim, o poder da imaginação voa alto com as brincadeiras de movimentação específica. Brincam de “Serra, serra, serrador”, “Marcha Soldado”, “Janelinha”, “Cravo brigou com a rosa”, “Aranha”, “Borboletinha”, “Indiozinhos”, “Cai, cai, balão”, “A roda do ônibus”, mas também surgem nas suas memórias brincadeiras contemporâneas: “Tumbalacatumba”, “Morto-Vivo Musical” (com sons agudos e graves), “Chapéu de 3 pontas”, “A-Ram-Sam-Sam” ou “Ua-Ta-Ta”, “Telefone sem fio”.

Diversas são as brincadeiras sonoras utilizadas pelos professores nas aulas de música, mas cada uma apresenta suas particularidades que proporcionam à criança uma educação brincante, em que o ensino de música ocorre de forma divertida e prazerosa. Nesse contexto, a valorização das brincadeiras tradicionais é vista pelo *Menino de Jó* como um papel cultural importante, pois além de desenvolver a identidade “como ser humano e como brasileiro”, possuem melodias muito vivas e de fácil memorização.

Para o *Menino de Jó* cantar e brincar com as músicas tradicionais é algo espontâneo, como relata: “é como se tivesse impressa uma digital delas na minha cabeça”. O *Menino* narra que ao iniciar sua carreira como professor realizou uma pesquisa consigo mesmo para escrever uma lista de músicas da sua infância. Esse processo de reflexão demonstra uma das ações necessárias para a construção do eu professor: olhar para si mesmo.

De forma similar, a *Menina Borboletinha* busca explorar a simplicidade das brincadeiras sonoras tradicionais e cria diferentes variações, como por exemplo: pular “Amarelinha” no pulso da música “Borboletinha”. Essa mesma proposta é utilizada pela *Menina Serrador*, mas neste caso, utilizando uma parlenda como guia para os pulos da “Amarelinha”. Assim, os professores reproduzem brincadeiras que marcaram a sua infância e proporcionam desafios diferentes às crianças da contemporaneidade.

Entretanto, algumas narrativas apontaram a dificuldade dos professores(as) para reproduzir brincadeiras sonoras. Isso pode estar relacionado ao pouco vínculo com esse repertório, seja pela ausência do brincar na infância devido ao contexto familiar/social ou pela predominância de outras formas de brincar que não envolviam os elementos musicais, os quais geram uma falta de segurança nos professores(as) para inserir as brincadeiras sonoras no contexto escolar.

Deste modo, é possível compreender que quanto mais experiências brincantes forem vivenciadas pelos professores, mais elas se tornam familiares e de fácil execução com seus respectivos alunos. Tais vivências não se restringem apenas à infância, pois a partir da busca pessoal do professor é possível experienciar as brincadeiras sonoras na vida adulta.

Ao aprofundar os estudos sobre as relações que cercam a música e a brincadeira, os dados demonstram que a música da cultura da infância não acontece se não estiver ligada ao brincar. “A Música Tradicional da Infância, é uma música para ser brincada. É brincando que as cantigas dos brinquedos

tomam vida e, dito ao contrário, é a música de cada brinquedo cantado ou ritmado que move a ação específica de cada um destes fatos culturais” (HORTÉLIO, 2012, p. 1 apud SILVA, 2016, p. 21).

Acerca disso, as narrativas demonstram o valor da brincadeira na educação musical, pois a criança não distingue o “brincar e fazer coisas sérias” (SARMENTO, 2004 apud MARQUES, 2016, p. 88). A brincadeira não é um passatempo durante as aulas, mas uma necessidade da criança. E essas experiências através do brincar podem favorecer novos aprendizados na vida adulta, como narrado pelo *Menino Foguinho*:

Por causa desse prazer ela acaba desenvolvendo aquilo de uma forma mais divertida, e ela acaba aprendendo de um jeito que ela não vai esquecer, acaba tornando uma memória positiva para ela, uma memória permanente, contanto que muitas crianças, muitas pessoas lembram dessas brincadeiras até hoje, porque foi um momento muito prazeroso na sua infância, e querendo ou não, a gente acaba trabalhando elementos musicais nela, principalmente professor de música que aproveita desse conteúdo do brincar para ensinar (Menino Foguinho).

Nessa busca por conectar-se ao universo do brincar o professor se vê como uma criança, brincando e construindo um vínculo entre professor e aluno, que conseqüentemente, proporcionará uma aprendizagem significativa e prazerosa para ambos. Como afirma Hortélio (2014),

[...] é preciso que o Professor tenha consciência de que existe uma CULTURA DA CRIANÇA, conheça o repertório da Música Tradicional da Infância, os Brinquedos cantados e os Brinquedos ritmados da Cultura Infantil contemporânea, um conhecimento com o corpo, de variadíssima linguagem de movimento, muito ao gosto dos Meninos, que nos dão a oportunidade de aprender com eles e estabelecer o vínculo necessário a uma experiência na interligação. Da parte do Professor é muito importante desenvolver o hábito da observação constante, de uma reflexão paralela continuada, no intuito de acompanhar e perceber em profundidade toda a multiplicidade e riqueza, a dinâmica particular e a didática própria da CULTURA DA CRIANÇA. (HORTÉLIO, 2014, p. 276-277).

Acerca disso, percebe-se nas narrativas dos *Meninos e Meninas* momentos de conexão entre o professor e as crianças durante a brincadeira, como exposto nos seguintes trechos:

Não é só mais um professor e aluno, mas um adulto e criança brincando (Menino Tumbalacatumba).

Eu percebo que é tanto um momento de relaxamento para eles, quanto para mim também. A gente meio que na prática acaba relaxando, a gente acaba se divertindo mais e também se unindo mais, e eu sinto essa união entre professor e aluno (Menino Foguinho).

Nesses momentos, é possível o professor recordar da sua própria infância, proporcionando a sensação de algo atemporal, que conecta a criança do passado com o adulto do presente. Esse ir e vir, do passado ao presente, faz da brincadeira o chão da aula de música. Portanto, ao conectar-se com o universo da infância, o professor passa a construir-se como professor brincante, promovendo assim uma mudança de olhar sobre a educação.

5. O brincar na construção do eu professor

As histórias de vida dos professores(as) colaboradores apontam a importância de diferentes experiências nas suas respectivas formações. Como afirma Moita (1992), “um percurso de vida é assim um percurso de formação, no sentido em que é um processo de formação” (MOITA, 1992, p.115). Porém, na busca por compreender a influência da infância, do brincar, no processo de construção do eu professor, direciono meus ouvidos para as memórias do passado que se conectam com o presente.

O *Menino Soldado* desperta minhas inquietações ao afirmar que as memórias de sua infância foram essenciais para colocar-se no lugar de seus alunos e entender suas dificuldades, ou seja, ao buscar entender o aluno a partir da sua criança interior foi possível compreender a real dificuldade e ajudá-lo a superar a si mesmo. Esse processo de reimpressão das memórias em sua construção como professor é compreendido na literatura como um processo artesanal, sendo moldado e remoldado de acordo com a “personalidade dos

professores” (TORRES, 2003, p. 62). O professor passa a refletir sobre as brincadeiras que despertam a sua motivação para despertar a motivação do aluno. Essa conexão, através da sua criança interior, promove um grau de plenitude nas ações desenvolvidas em sala de aula.

Deste modo, compreende-se que o passado se torna uma referência para a construção do professor. O *Menino Ciranda* e o *Menino de Jó* contam que buscam promover experiências lúdicas que façam os alunos vivenciarem o que eles vivenciaram, bem como, desenvolver elementos musicais que não foram realizados na sua infância. Com isso, percebe-se o papel do professor de ressignificar seu passado, repetindo aquilo que foi positivo para a sua formação pessoal e transformando a geração futura através de novas aprendizagens.

Então, essa conexão dos conhecimentos aprendidos na teoria com as experiências práticas da vida passa a transformar o professor e promover sentido aos seus estudos acadêmicos. A universidade nos dá o chão, mas são as nossas experiências que nos impulsionam a voar. Assim sendo, compreende-se que é na prática que se constrói um professor. Cada experiência vivida de forma consciente e reflexiva favorece a conexão com o universo lúdico da infância.

Nóvoa (1995 apud FRANÇA, 2007) ressalta que “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa” (NÓVOA, 1995 apud FRANÇA, 2007, p. 24). Assim, o eu pessoal e o eu professor estão interligados, fazendo com que as práticas pedagógicas sejam formadas através de contextos e histórias individuais dos docentes. Esse pressuposto é reafirmado em diferentes momentos nas narrativas dos professores(as) que apresentaram uma memória lúdica mais viva sobre a sua infância. Esses indivíduos demonstraram ter maior facilidade para brincar com as crianças, entender seus pensamentos e sentimentos, brincar de forma autotélica e motivar-se para despertar na criança experiências significativas e semelhantes às vivenciadas na sua infância.

Nesse sentido, as vivências do brincar na infância agregam novos significados ao serem reproduzidas com os alunos, de modo que todos os espaços, pessoas e formas de brincar são fundamentais para constituir quem somos como professores. Assim, as memórias da infância favorecem o processo de compreensão da criança a partir da sua própria criança interior. Ao olhar para o passado, o professor utiliza-se das suas experiências para reconhecer as dificuldades, necessidades e aspirações de cada criança.

Essa relação constante com o passado torna-se uma base, uma referência para a construção do eu professor, pois ao reviver “suas lembranças o sujeito toma consciência de seu processo constitutivo, organizando os fatos e os processos que determinaram a construção de seu modo de ser” (MARTINS, 2009, p. 81). Portanto, o eu professor está intrinsecamente conectado com o seu eu pessoal.

Como descrito nas narrativas de alguns professores(as), todos os “eu” fazem parte de um indivíduo, ou seja, “o professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor” (NIAS, 1991 apud NÓVOA, 1992, p. 13). Sendo assim, cada professor tem a capacidade de manter determinadas ações e práticas que foram fundamentais para o seu desenvolvimento pessoal/profissional, como também pode transformar o futuro através de novas experiências e percepções sobre o brincar e a educação.

Ao ter a memória como medida humana, passamos a reinterpretar o passado como caminho para a mudança do futuro, dando novos sentidos às nossas memórias. Como afirma Kramer (1999, p. 134), “lembrar, nesse sentido, não é reviver, mas, refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Por isso, cabe ao professor conectar os conhecimentos adquiridos na universidade e formações paralelas com a sua história de vida. Essa conexão favorece a construção de uma educação mais humana, onde o professor expresse quem ele é e permita que sua criança interior esteja presente no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos.

Nessa jornada para dentro de si através da brincadeira, o professor torna-se um brincante. Aquele que se encanta, se entrega e se permite brincar, não havendo distinção entre adulto e criança. A *Menina Janelinha* narra o quanto é importante o professor gostar de brincar e transmitir esse prazer para os alunos durante o momento que ensina a brincadeira e a executa com eles, pois as crianças têm a sensibilidade para perceber quando o professor “gosta daquilo que faz”. As ações não são forçadas, mas fluem de forma leve e espontânea.

Essa relação com os alunos promove uma maior fluidez nas aulas, pois os alunos passam a vê-lo como parte do grupo e não um elemento externo. E assim, o professor brincante entra na “praia” dos alunos, como diz a *Menina de Jesus*. Ele conhece seus interesses e necessidades, e durante a brincadeira imagina e fantasia junto com as crianças, para que durante o processo de aprendizagem a criança entre na “praia” do professor também. Esse “entrar na

• 68

praia” do aluno é compreendido pela *Menina de Jesus* como estar junto da criança e tornar-se criança durante as brincadeiras.

O processo de construção do professor brincante exige um olhar de forma atenta às formas como brinca e os sentimentos expressos no decorrer da brincadeira para que assim seja parte de um processo histórico-cultural, situado em um espaço e tempo, e não uma postura imposta e desumana. Ser um professor brincante vai além do ato de brincar. É preciso que os professores(as) ressignifiquem suas memórias lúdicas da infância e comecem a ver o mundo com novos olhos, de modo a permitir a criança ser criança.

Ser um professor brincante não representa esquecer-se de sua responsabilidade de educar, mas ser sensível ao outro. Fazer com que através do brincar a criança expresse suas habilidades e potencialize sua natureza, sendo o professor um mediador no processo de ensino e aprendizagem, onde a brincadeira não seja vista como uma distração, mas parte da educação da criança.

O processo de construção do professor é perseverante e constante. É como esculpir uma obra de arte. Somos como uma pedra bruta que vamos lapidando, retirando as impurezas que escondem a sua essência. Cada memória, cada ressignificação das experiências vividas auxiliam nesse processo de construção, gerando novas oportunidades de desenvolvimento como professores e seres humanos. É preciso compreender que as dificuldades para saber a “postura” ideal para estar com as crianças faz parte desse processo de construção. Olhar para si mesmo e questionar-se: que professor eu quero ser? Que marcas eu quero deixar nas crianças que trilham meu caminho?

Responder esses questionamentos pode ser o primeiro passo para uma educação mais humana, que preze pelo brincar, pelo divertimento e que permita a criança ser criança. Portanto, cabe a nós, professores(as), mantermos vivas nossas memórias lúdicas, lapidando a nós mesmos e as gerações futuras, de forma a dar sentido a cada ação dentro e fora de uma sala de aula. Somente assim, seremos capazes de nos construirmos como professores brincantes.

6. Considerações finais

O estudo das narrativas dos nove *Meninos e Meninas* – da pesquisa a partir da qual se originou este artigo – indicam que as memórias das brincadeiras sonoras da infância promovem influências positivas na formação do professor de música, pois a partir de suas experiências são capazes de reviver a essência do brincar com seus alunos. Adicionalmente, o processo de reflexão sobre suas memórias lúdicas pode proporcionar novas oportunidades de contato com o brincar que não foram vivenciadas na infância.

Nesse reviver das memórias o professor gera oportunidades de transformar o futuro. Por isso, quanto mais o professor flui durante a brincadeira, maior será a sua conexão com o universo da infância. É fundamental o professor ter uma relação positiva com suas memórias e manter a sua criança interior desperta, pois a soma de suas experiências constitui quem são como pessoa e professor.

Assim sendo, compreendo que as memórias do brincar na infância refletem-se de duas formas na formação dos professores: (1) buscam realizar brincadeiras similares com seus alunos; (2) buscam proporcionar experiências diferentes da sua infância. Esse paradoxo surge devido à própria infância dos professores, que em alguns casos foram regadas pelo brincar e em outros pela sua ausência ou repressão.

As narrativas deixaram expressas a valorização do brincar pelos professores, independente se tiveram um maior ou menor vínculo com as brincadeiras sonoras nas suas infâncias. Entretanto, foi possível ver o contraste com relação aos professores que tiveram uma infância brincante, pois esses trazem memórias afetuosas do brincar, considerando-o um elemento base na educação musical. Com isso, compreendemos que quanto maior for o vínculo do professor com o brincar, mais facilidade ele terá para permitir que sua criança interior se conecte com seus alunos.

Deste modo, os resultados dos dados discutidos neste artigo contribuem para repensarmos a formação dos professores. Apesar de apresentarem narrativas de professores de música, percebemos que refletir sobre o brincar é necessário para todos os professores, independentemente de sua área específica. E isso também não se restringe para aqueles que atuam com Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, pois as brincadeiras são vividas em todas as fases da vida.

A partir da discussão desses resultados, percebemos que alguns tópicos podem ser aprofundados em pesquisas futuras, como: (1) o impacto da

ausência do brincar na infância na formação de um professor brincante; (2) as modificações das brincadeiras sonoras da infância contemporânea. Assim, espero que este artigo contribua para ampliar referências sobre o estudo de histórias de vidas de professores, bem como, na formação de professores brincantes.

Nos constituímos através de nossa história, o passado não fica esquecido em um baú guardado nos porões do tempo, mas está aqui, sorrindo para o presente e sonhando com o futuro. Dessa forma, ser professor, ser brincante, faz parte dos múltiplos papéis de ser humano. Então, espero que os professores reflitam sobre si mesmos, abram seu baú de memórias e revivam seus momentos de brincadeiras, e se sentirem falta de lembranças do brincar na infância permitam-se despertar sua imaginação para brincar com as crianças que estão ao seu redor.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança. 2ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.

71

• FRANÇA, Sandra Luciane. Resgate das memórias lúdicas de educadores do Ensino Fundamental I, em uma escola privada de Maringá-PR. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2007.

HORTÉLIO, Lydia. Música Tradicional Da Infância. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, p. 273-282, abr. 2014. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/4637>>. Acesso em: 30 jan. 2019.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação. Cadernos de Pesquisa, nº 106, p. 129-157, março/1999.

MARQUES, Olívia Augusta Benevides. Pequenos Enredos Nas Escolas Parque De Brasília: O Que Contam As Crianças Sobre A Aula De Música. Dissertação

(Mestrado). Instituto de Artes/Departamento de Música da Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

MARTINS, Cristiane Amorim. A participação de crianças e professora na constituição da brincadeira na educação infantil. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação – FAGED, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-formação. In: NÓVOA, Antônio (org.). Vidas de Professores. Portugal: Porto, 1992.

NÓVOA, Antônio (org.). Vidas de Professores. Portugal: Porto, 1992.

SCHUTZE, F. Pesquisa bibliográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W; PFAFF, N. Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação – teoria e prática. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010, p. 210-222.

SILVA, M. Alice Setúbal S.; GARCIA, M. Alice Lima; FERRARI, Sônia C. Miguel. Memória e Brincadeiras na Cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, Lucilene Ferreira da. Música Tradicional da Infância - características, diversidade e importância na educação musical. 2016. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues. Identidades musicais de alunas de pedagogia: músicas, memória e mídia. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

• 72

Recebido em 29/06/2022 - Aprovado em 22/03/2023

Como Citar

DE MORAIS PEREIRA, J. As memórias das brincadeiras sonoras da infância na formação de professores de música. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 19, n. 1, [s.d.]. DOI: 10.14393/OUV-v19n1a2023-66136. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/66136>.



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.